

TIAGO REBELO

*ROMANCE
EM AMESTERDÃO*

ASA

1

O café ficava na esquina da Vijzel Straat com a Herengracht. Era um daqueles estabelecimentos típicos de Amesterdão, com o balcão comprido, as mesas e as cadeiras em madeira robusta, as paredes com os tijolos à vista e grandes janelas panorâmicas. Chamavam-lhes *bruine café's* por causa dos seus interiores orgulhosamente obscurecidos ao longo dos anos pelo fumo dos muitos cigarros que iam enegrecendo as paredes e o tecto.

A mulher, jovem, entrou com pressa de se refugiar do frio, a soprar as mãos juntas em forma de concha. Pelo modo como o frio a atormentava via-se logo que não era holandesa, mas isso não tinha nada de invulgar em Amesterdão, uma cidade encantadora, com milhares de turistas a deambular pelas ruas, dedicando-se a explorar todos os recantos.

O empregado viu-a atravessar a sala em direcção a uma mesa junto à janela. Colocou duas pequenas canecas de vidro, transparentes, cheias de água acabada de ferver, e o cesto dos saquinhos de chá diante do casal que estava a servir enquanto a espreitava pelo canto do olho. Ela tirou o casaco, colocou-o em cima de uma cadeira e sentou-se na outra. Deitou um olhar de relance para a sala e depois deixou-se ficar, sonhadora, a contemplar o movimento na rua.

— *Good morning.*

Ela voltou a cabeça ao ouvir a voz cantada que a cumprimentava e deu com o sorriso do empregado. Ele ofereceu-lhe um cartão plastificado.

Sorriu-lhe também e levantou a mão para rejeitar a ementa. — *Just a tea, please* — disse.

Dali a pouco o empregado estava de volta com a caneca de água fervida e o cesto dos saquinhos de chá numa bandeja.

— Donde é que você é? — perguntou-lhe em inglês, num tom casual.

— De Portugal.

— Ah, bom. Então podemos falar em português.

O rosto dela iluminou-se com um sorriso encantado ao ouvi-lo. — Também é português — disse. Não foi uma pergunta mas uma constatação admirada. — Que engraçado.

— Também — confirmou ele, fazendo uma expressão de cumplicidade, como se estivesse a confessar um segredo.

— Vive cá ou é trabalho de férias?

— Um bocadinho das duas coisas. Vim passar uma temporada e, como gostei, tenho ficado por cá. E você?

— Eu estou só de visita.

— Sozinha?

— Hum-hum — assentiu com a cabeça. — Estamos em 1986, uma rapariga pode viajar sozinha.

— Claro — concedeu —, estava só curioso. É a primeira vez?

— Que viajo sozinha?

Ele riu-se, *tem graça, a miúda*.

— Em Amesterdão.

— É — respondeu ela.

Um cliente fez sinal de longe.

— Eu volto já — disse, e foi atender o cliente.

Os olhos dela seguiram-no curiosos. Ele pressentiu-os e voltou-se, sorridente. Ela baixou a cabeça, um pouco embaraçada.

Deitou um saquinho de chá na caneca e ficou a ver o lento processo do chá a misturar-se com a água e a tingi-la de castanho. Deitou o açúcar, mexeu a bebida com uma colher, ergueu a caneca e deixou-a esquecida na mão, concentrada no movimento da rua. Observou uma mulher que passava numa bicicleta com o filho, muito pequeno, encaixado entre a mãe e o guiador. Acompanhou-os enquanto atravessavam uma ponte por cima do canal, até desaparecerem na outra margem. Estava só há algumas horas em Amesterdão mas já percebera que a bicicleta era o meio de transporte favorito na cidade. Por vezes uma pessoa deparava com parques de estacionamento de bicicletas de dimensões inadmissíveis, e perguntava-se como seria possível alguém encontrar a sua bicicleta entre milhares.

Viera de comboio desde o aeroporto de Schiphol até à Estação Central, um edifício monumental acabado de construir em finais do século XIX e que desembocava na cidade. Esta abria-se aos visitantes a partir dali, formando um leque de canais fluviais circulares, ao longo dos quais se erguiam prédios datados do século XVII em diante. Os edifícios eram exemplares de uma arquitectura única e de uma conservação escrupulosa.

O empregado voltou à mesa dela.

— Eu saio às cinco — disse. — Se você quiser, apareça por essa hora que eu levo-a a conhecer a cidade.

— Ah, não sei — brincou ela. — Tenho de ver a minha agenda para hoje.

— Muitas reuniões?

— Pois é... — Levantou-se e vestiu o casaco. — Quanto é o chá?

— Não é nada.

— Não é nada?

— É oferta da casa. O patrão não está, sou eu que decido — declarou ele a rir-se.

TIAGO REBELO

Acompanhou-a até à saída e abriu-lhe a porta.

— Então, até às cinco?

Ela voltou-se, encarando-o, hesitante, mas depois o seu rosto abriu-se num sorriso despreocupado.

— Até às cinco.

2

Amsterdão era a cidade dos canais, das bicicletas e dos edifícios centenários, um modelo de tolerância e uma verdadeira festa para os apreciadores de pintura. Os quadros de Van Gogh, Rembrandt, Vermeer, entre muitos outros, enchiam as paredes de alguns dos melhores museus do mundo. De modo que não faltariam ao empregado do velho *bruine café* motivos de interesse para cativar a portuguesa de belos cabelos castanhos e olhos escuros e tímidos que lhe entrara, de surpresa, pela porta do café, ao final da manhã.

Ela regressou às cinco em ponto. Assim que a viu, livrou-se do avental preto com o logotipo do café, vestiu um casaco e convidou-a a sair.

— Vamos?

— Vamos.

Segurou a porta para a deixar passar e seguiu-a.

— Não tem frio? — admirou-se ela, abafada num casaco bem grosso por cima de uma camisola de lã com gola alta. Ele trazia apenas uma camisa de flanela aos quadrados em tons de castanho e calças de ganga pretas, além do casaco de camurça.

— Tenho — confessou —, mas já estou a habituar-me.

— Eu não — suspirou ela.

Ficaram ali parados no passeio em silêncio, a olhar um para o outro, num impasse momentâneo, até que ele quebrou o silêncio. — Então, como é que você se chama?

Ela sorriu-lhe, embaraçada, sentindo-se uma raparigui-nha desajeitada.

— Mariana Torres — respondeu. — E você?

— Zé Pedro Vieira.

— Zé Pedro Vieira?, o José Pedro Vieira?!

— O próprio — confirmou, espantado por ela o reconhecer. — Conhece-me?

— Claro, é escritor, não é?

Ele torceu o nariz.

— Eu não sou escritor. — Fez um gesto com a mão, como se quisesse varrer essa ideia da cabeça dela. — Eu só escrevi um livro.

Mas Mariana levou a mão à boca e ele achou divertido aquele seu gesto quase adolescente.

— Zé Pedro — disse, enquanto soltava as alças da pequena mochila de couro que trazia às costas e a abria —, você não vai acreditar, mas eu tenho aqui o seu livro.

Ficou estarecido. Era verdade, ela tinha um exemplar do livro que ele escrevera.

Era uma história de amor, passada em Amesterdão, uma edição de autor onde Zé Pedro investira todas as suas poupanças, animado por uma confiança desmedida, mas que não se vendera lá muito bem. Uma desilusão.

— Então foi você que o comprou — sorriu, a tentar fazer graça com o assunto.

— Como, fui eu? — protestou Mariana, indignada. — Eu *adorei* este livro. É uma história lindíssima.

— Achou, sinceramente?

Mariana fez que sim com a cabeça, peremptória.

— Obrigado — agradeceu então Zé Pedro, rendido ao entusiasmo dela.

— De nada.

Foi um momento estranho. Zé Pedro estava longe de imaginar que alguém pudesse aparecer-lhe à frente com um exemplar do seu livro e lhe dissesse que adorara lê-lo, muito menos ali em Amesterdão, longe de casa, do seu círculo de amigos e da família. Para Zé Pedro, tratava-se de um projecto falhado, um livro ignorado e a ganhar pó nas prateleiras mais recônditas das livrarias. Era, enfim, algo que preferia esquecer. Ficou comovido.

— Nem imagina como foi bom ouvir esse elogio.

Passearam ao acaso pelas ruazinhas estreitas da parte antiga da cidade. Mariana gostou de ver as montras das lojas de roupa, com os seus manequins de plástico vestidos com o último grito da moda. Entraram numa loja de *souvenirs* e percorreram as prateleiras recheadas de socas holandesas, túlipas de madeira, prediozinhos de loiça, bandeirinhas e mapas. Pararam diante da montra de um cabeleireiro que mais parecia um antiquário. Lá dentro *o artista* penteava as clientes entre dois goles de champanhe, num ambiente acolhedor e surpreendente. Mais à frente, entraram numa galeria de arte. Ficaram algum tempo a admirar os óleos, quase vivos, de um desconhecido russo. Os quadros, inspirados em propaganda panfletária, transmitiam a nostalgia revolucionária da União Soviética leninista. Zé Pedro sentiu-se atingido em cheio por memórias não muito distantes, mas não comentou o assunto, por achar desapropriado começar a desenterrar fantasmas íntimos.

Voltaram a sair para o frio e foram dar à praça Rembrandt. Zé Pedro sugeriu que entrassem no Grand Café l'Opera, velho poiso dos artistas de outras épocas, considerado um monumento da *Art Déco*. Sentaram-se a uma mesa, em confortáveis cadeiras de vime, e mandaram vir bebidas.

— Uma *Palm* — pediu Zé Pedro. — Quer experimentar a cerveja local?

— Prefiro um chá — disse Mariana.

— Uma adepta do chá.

— Não, é que não posso beber álcool.

— Não?

— Não.

— Porquê?

Mariana encolheu os ombros.

— Nada de especial — disse, e desviou a conversa para outro assunto.

Não foi difícil conversarem. Zé Pedro não falava português há muito tempo e aproveitou para desempoeirar a língua.

— Aquele café onde nos conhecemos?

— Sim...

— Fui para lá trabalhar quando cheguei a Amesterdão. Andava por aí com uma mochila às costas e o dinheiro estava a acabar-se. Ia a passar lá à porta, vi o anúncio e perguntei o que é que dizia, porque estava em holandês, e, como era uma oferta de emprego, candidatei-me.

— E o patrão não se importou por você não falar holandês? — Nem por isso. Aqui toda a gente fala inglês.

— Mas por que é que decidiu vir para a Holanda?

— Foi mais ao menos ao acaso. Eu queria conhecer a Europa e queria escrever um livro. Tinha um emprego estúpido num banco, despedi-me e meti-me num avião. Arranjei este emprego, aluguei um apartamento, e trabalhava de dia e escrevia de noite. Estive neste regime durante um Inverno. Depois, quando acabei o livro, voltei a Portugal e tentei editá-lo. Como não arranjei nenhuma editora que o quisesse, fiz uma edição de autor.

— E depois voltou para cá.

— Não foi logo, ainda fiquei por lá uns seis meses. Eu queria ser escritor, mas a venda do livro correu tão mal que fiquei desmoralizado. De modo que voltei.

— E recuperou o seu emprego.

— Exacto.

Mariana olhou para Zé Pedro, pensativa.

— O que foi? — perguntou ele.

Ela hesitou um instante, mas depois chegou-se à frente na cadeira e apoiou os cotovelos na mesa, como se tomasse balanço para dizer algo importante.

— Zé Pedro — os seus olhos escuros e grandes brilharam com intensidade —, tenho um segredo para lhe contar.

3

Com o passar da noite Zé Pedro foi tomando maior consciência da beleza de Mariana. Reparou nas sobrancelhas finas, nas maçãs do rosto polvilhadas por uma constelação de sardas, no nariz bem delineado e nos olhos de um castanho intenso. Mariana revelou-se afável, educada, meiga e fácil de se gostar, mas que se ria poucas vezes. Zé Pedro ficou com a ideia de que talvez tivesse necessidade de se sentir segura e que, por isso, se defendia com uma gentileza que, se não era cerimoniosa, era pelo menos controlada, pouco expansiva. O instinto dizia-lhe que havia qualquer coisa que a preocupava, mas como ainda a estava a conhecer decidiu não dar importância ao assunto. *Se calhar, é tímida*, ponderou.

A certa altura da conversa foram assaltados pela fome, e Mariana comentou que se esquecera de comer desde manhã.

— Com a excitação da viagem, nem me lembrei de almoçar. Zé Pedro fez sinal ao empregado

— Vamos já tratar disso. Tem de experimentar os croquetes com mostarda que eles fazem — declarou, decidido a iniciá-la na gastronomia holandesa.

Lentamente, Mariana foi-se soltando. Contou que tinha 24 anos, era formada em Direito, e terminara o estágio num escritório de advogados. Zé Pedro tinha 25, e desistira de estudar antes de concluir o curso.

Foi uma noite agradável. Eram quase onze horas quando saíram. Zé Pedro não a deixou pagar a conta e acompanhou-a ao hotel. Ao fim de quinze minutos a pé, desaguaram frente a um edifício charmoso com quatro séculos de existência, mas em perfeito estado de conservação.

— Então, gostou do seu primeiro dia em Amesterdão?
— perguntou-lhe, ansioso por receber a sua aprovação, mas tentando não ser demasiado óbvio.

— Adorei o meu primeiro dia em Amesterdão. — Mariana esticou-se para lhe dar um beijo no rosto, porque ele era bem mais alto. — Obrigada por tudo.

— Foi um prazer.

— Boa noite.

— Boa noite.

Zé Pedro ficou a vê-la entrar, desconsolado por não achar as palavras certas que prolongassem um bocadinho mais a noite. Mas, no derradeiro momento em que ela passou a porta giratória de acesso ao átrio do hotel, não se conteve e chamou-a.

— Mariana, espere!

Ela deu uma volta inteira na gaiola de vidro e tornou a surgir, com graça, no exterior.

— O que foi? — perguntou, divertida.

— Amanhã é o meu dia de folga — disse ele a rir-se.
— Quer fazer mais uma visita guiada?

— Costuma folgar muitas vezes às terças-feiras?

— Só quando aparecem portuguesas bonitas com o meu livro na mochila.

Mariana cruzou os braços e olhou para o céu como se estivesse a consultar as estrelas, demorando a responder, fingindo que ponderava o convite, deliciada com o elogio.

— Só se não me tratares mais por você.

— Combinado — concordou Zé Pedro, radiante. — Então, venho cá ter às nove e meia?

Ela torceu o nariz.

— É muito cedo?

— Hum-hum.

— Dez?

— Às dez está bem.

Zé Pedro foi a pé até à paragem do eléctrico, feliz como um tolo. Estava no segundo ano em Amesterdão e já tinha a sua lista de amores ocasionais razoavelmente preenchida. Alto, magro e musculoso, cabelo ruivo encaracolado, olhos castanhos calorosos, um rosto anguloso, maxilares fortes e um sorriso iluminado, bem, se havia uma coisa na vida em que Zé Pedro não sentia dificuldades era em conquistar mulheres. Aos vinte anos acabara um namoro em Lisboa e partira para o estrangeiro em busca de aventura. Não se arrependia nem por um segundo. Apartamento pequeno, alugado, emprego sem futuro e zero de preocupações. Nem carro tinha, andava de eléctrico, às vezes de bicicleta. Era uma vida simples, que mais poderia querer?

Chegou à paragem e sentou-se no banco à espera do eléctrico. Enfiou as mãos nos bolsos, «brrrrrrrrr, está um frio do caracas», disse para si próprio. A paragem não tinha ninguém. Levantou os olhos e sorriu para as estrelas. «Que noite incrível», continuou a falar sozinho. Abanou a cabeça, desconcertado, a pensar em Mariana. *Tenho um segredo para lhe contar*, dissera-lhe ela. Um segredo?! Aquilo não era um segredo, aquilo era uma bomba atómica em cima da sua cabeça!

— Eu não apareci no café onde você trabalha por acaso — revelou Mariana.

— Não? — Zé Pedro até se assustou. *Que mais vai ela inventar?* — Não. Eu fui lá de propósito.

— Hum...

— É que eu fiquei apaixonada pelo seu livro e quis conhecer o café onde se passava a história.

Quis encarar a situação com ar de *ah, pois, isso acontece muitas vezes. Se eu lhe contasse a quantidade de raparigas que aparecem para conhecer o café da história...*, mas falhou redondamente.

— E veio a Amesterdão só por causa disso? — perguntou, de olhos arregalados.

— Não. Quer dizer, não e sim. Digamos que foi um incentivo para vir a Amesterdão. De qualquer maneira, eu queria passar as minhas férias algures, na Europa e, como não conhecia Amesterdão, achei que seria um bom lugar para visitar. A forma como você fala da cidade no livro, aquelas descrições todas, deixou-me cheia de curiosidade de a conhecer.

— Estou sem palavras — confessou Zé Pedro.

— Agora — continuou ela — a minha maior surpresa foi encontrá-lo a trabalhar lá. Disso é que eu não estava à espera.

O eléctrico chegou e as portas abriram-se com um suspiro pneumático. Zé Pedro levantou-se devagar, entrou no veículo, apresentou um bilhete pré-comprado ao condutor e olhou em redor. O eléctrico ia vazio, podia escolher o lugar que lhe desse na veneta. Sentou-se à janela, a olhar lá para fora, perplexo e sonhador. Mariana era uma caixinha de surpresas, lá isso era. E gira. E simpática. *Tenho um segredo para lhe contar? Ela disse tenho um segredo para lhe contar?!*

Zé Pedro desistira de escrever. Perdera a motivação. O fiasco do primeiro livro deixara-o de rastos. Depois do esforço todo, da determinação, da certeza absoluta, levar com tantas portas na cara foi um choque. Recebeu as recusas das editoras como uma afronta. Hoje em dia pensava que fora pura ingenuidade, inexperiência, talvez, mas na altura Zé Pedro não conseguiu entender como lhe podiam recusar um manuscrito que, a seu ver, era de uma qualidade inquestionável. Bem, ele acreditara que tinha ali um grande livro até

começar a receber pelo correio as cartas das editoras: *Obrigado pelo seu manuscrito, mas não se insere no género de livros que estamos a incluir no nosso catálogo.* Continue a tentar, boa sorte e um pontapé no cu. Porra! E agora?, pensou. É que Zé Pedro abandonara os estudos, o emprego e a namorada — tudo e todos de uma assentada — por um projecto de vida. Finalmente sabia o que ia fazer da sua vida. Ia escrever, queria ser escritor! Ele, que até tinha um passado recente mais ou menos obscuro, aventureiro, romântico, digamos assim, apaixonara-se pela ideia de ser escritor. E depois recebia tampa atrás de tampa? O seu livro não se inseria no catálogo de nenhuma editora. Tradução: nenhuma editora iria arriscar o seu dinheiro num candidato a escritor, desconhecido, que não oferecia a menor garantia de sucesso.

Mas Zé Pedro não desistiu logo. Era dono de um grande talento e não se ia render ao primeiro contratempo. Enfim, não seria apenas um pequeno contratempo, mas, com ou sem a ajuda de uma editora, estava determinado a publicar o livro. Aventurou-se numa edição de autor. Contudo, as poucas livrarias que aceitaram colocar alguns exemplares à venda acabaram por devolvê-los praticamente todos, alegando que ninguém os queria comprar.

Tinha sido uma grande desilusão e não tencionava voltar a passar pelo mesmo. Nunca mais escrevera uma linha. De qualquer modo, era um assunto arrumado na sua cabeça. Não seria escritor. Desde então, vivia uma existência plácida que, pelo menos, tinha a virtude de não lhe trazer dissabores. Que mágoa lhe poderia causar um trabalho tão maravilhosamente simples como o de servir à mesa? Entornar a sopa em cima de um cliente? Partir um prato? Partir dois pratos? Partir a porcaria da loiça toda do restaurante?

Durante todos aqueles meses não se incomodara a questionar-se sobre a opção que tomara, nem tão pouco quisera

pensar seriamente na incerteza impenitente que a sua vida levava. Até àquele momento.

Nessa noite, Zé Pedro não se apagou quase ao mesmo tempo que a luz de cabeceira, como lhe costumava acontecer. Demasiado perturbado, deu voltas e mais voltas na cama, e só acabou por adormecer muito tarde. Mas, no dia seguinte, não soube precisar se chegara realmente a dormir durante a noite, ou se estivera a sonhar acordado enquanto pensava em Mariana. Zé Pedro duvidava que Mariana tivesse consciência do choque que provocara nele. Para Mariana, tudo aquilo talvez não passasse de uma história divertida para contar no regresso a Lisboa, mas para Zé Pedro era muito mais do que isso.

Desperto como um morcego, hipnotizado com os números luminosos do relógio de cabeceira, que mudavam à velocidade do tempo, contando a madrugada, Zé Pedro perguntou-se como é que um livro que não interessava a ninguém podia levar uma pessoa a seguir-lhe a pista da história. Mariana nem sequer pensara na possibilidade de o café não existir? Afinal de contas, era um romance e podia ter sido inventado de uma ponta à outra. Tratava-se de uma ficção, um caso de amor entre um empregado de mesa e uma turista que, no fim, se revelava uma relação impossível porque ela regressava a casa decidida a cumprir a promessa de casar com o homem que a esperava. A verdade é que Zé Pedro nunca achara que tivesse escrito uma história importante. Quer dizer, acreditara que era um livro bem escrito — embora já nem disso tivesse a certeza — mas de modo algum que fosse uma história capaz de influenciar uma leitora ao ponto de ela a querer transportar para a vida real. Porque era isso que Mariana estava a fazer. Era como se ela quisesse viver uma ficção. E isso dava que pensar.